



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

P. «Durante a sua estada em Londres, foram encaminhados ao Palácio de Buckingham para serem entregues ao senhor duas cartas, *uma do Lord Avebury, e em nome do grupo parlamentar de direitos humanos*, e outra do Arcebispo de Westminster, manifestando preocupação pela questão dos direitos humanos no Brasil. Uma delas solicitando, inclusive, autorização do Governo brasileiro para investigações a esse respeito. O Governo brasileiro pretende responder a essas cartas e conceder autorização pedida?»

R. «Somente estou tendo, agora, notícia de que elas existem. *Mas vou responder às cartas*. Vou ver o texto e responder. Agora, evidentemente, o Governo brasileiro não aceita investigação de pessoas estranhas dentro do Brasil. Isso é uma questão de independência nossa, o problema dos direitos humanos é de responsabilidade nossa. É uma questão interna e as pessoas de fora não têm nada que investigar no Brasil, como eu não vou investigar na Inglaterra, nem na França, nem na Polônia, nem na Espanha, nem em Portugal. É uma questão de soberania e autonomia do País».

P. «Como o senhor está observando as constantes manifestações ocorridas durante todo o seu

programa em Londres. Isso estaria inserido no contexto do liberalismo democrático inglês?».

R. «Eu tenho visto dois tipos de manifestações. Se vocês me permitem a modéstia, que eu acho que é preponderante, manifestações de aplausos e de boas vindas. Eu tenho visto nos trajetos que tenho percorrido grandes massas humanas, inclusive de brasileiros, que batem palmas e acenam para mim com bastante simpatia. Vi duas ou três manifestações hostis que eu acho que são próprias do liberalismo britânico e que são naturais, pois cada um pode expor o seu ponto de vista. Não tenho nada contra isso».

P. «No plano político e no plano diplomático, ao término dessas duas viagens, que V. Ex^a fez à França e Inglaterra, como resumiria os resultados?»

R. «Evidentemente, os resultados dessas visitas são resultados que vão se projetar a longo prazo. Nós não estamos procurando nenhum resultado imediatista. Tanto na França como aqui na Inglaterra, o Presidente do Brasil foi muito bem recebido, não só pelas diferentes camadas sociais, empresariais, mas sobretudo pelo Governo.

Tanto o Governo francês como o inglês me receberam muito bem e acredito que estas primeiras visitas que o Presidente do Brasil faz à Europa — a França e a Inglaterra — certamente trarão resultados. Não pela pessoa do Presidente, mas pelo que ele representa. Ele tem atrás de si um potencial enorme. Vocês não se esqueçam que nós somos cento e dez milhões de brasileiros, somos um país que está num

crescimento acelerado há vários anos e isso tem uma significação muito grande para a Europa. Vamos ser um parceiro sobretudo no campo econômico, útil para os europeus, como também os europeus vão ser úteis para o Brasil».

P. «O Senhor, tanto na França como na Inglaterra, discutiu em alto nível o problema da África. O senhor encontrou pontos de vista de convergência com a posição brasileira no continente africano?»

R. «Eu não digo ter discutido o problema da África. Nós trocamos impressões sobre os problemas da África e há pontos de convergências, sem dúvida. O sentimento geral, hoje em dia, tanto na França como na Inglaterra, é de anticolonialismo, como é o sentimento brasileiro. Encontrei, sem dúvidas, convergência de pontos de vista no sentido de que a África deve se tornar cada dia mais independente e que nós devemos manter estreitas relações com os países da África; inclusive do ponto de vista econômico».

P. «O Senhor já falou dos resultados políticos e diplomáticos de suas viagens à França e Inglaterra. No campo econômico, quais os resultados que o senhor destacaria?»

R. «Há, tanto na França como na Inglaterra, um extraordinário interesse em cooperar com o Brasil e em fazer investimentos em nosso país. Há programas no campo da energia elétrica, no campo siderúrgico, ferroviário. Há, inclusive, na agricultura e numa série de outros. Há um grande interesse em

realizar investimentos no Brasil, dar créditos ao Brasil. Isto eu acho que, para nós, é altamente auspicioso. E evidente que todas essas proposições que se formulam devem ser estudadas e analisadas tendo em vista também o interesse brasileiro. Acho que chegamos a uma série de resultados concretos. Aqui na Inglaterra, por exemplo, estamos em vias de firmar um protocolo tendo em vista a rápida execução do projeto da Açominas. Estamos, também, em vista de firmar um acordo no sentido de equipamento da Ferrovia do Aço, que estamos construindo entre Belo Horizonte e Volta Redonda. Trata-se de uma ferrovia de primeira ordem, eletrificada, e uma parte do equipamento inglês, que a indústria nacional não produz, eles vão financiar, como também fornecer financiamentos para as obras complementares que se realizam no Brasil. A Ferrovia do Aço contará com financiamentos, se não estou equivocado, da ordem de quatrocentos milhões de dólares. Há outros problemas que, evidentemente, vão ser depois decididos no Brasil, mas acho que, no campo econômico, o resultado é altamente auspicioso. Mostrei a eles que não basta que eles nos dêem créditos e forneçam equipamentos ao Brasil. O que é preciso é que eles, em contrapartida, comprem mais no Brasil e também façam maiores investimentos em nosso país».

P. «Tanto na visita à França como na Inglaterra, ficou implícito no comportamento dos Governos, francês e inglês, um de centro direita e outro de esquerda, a sugestão de que eles esperam que o Brasil está assumindo uma nova posição no mundo

de hoje. Como é que o Senhor vê essa sugestão, o que consta, inclusive no discurso de saudação da Rainha?»

R. «É indiscutível que o Brasil tenha uma nova posição no mundo. O Brasil é uma nação emergente, com o potencial que o Brasil é e com o que ele concretiza nas suas realizações econômicas etc., isto lhe dá uma nova posição. É lógico que é uma posição modesta. Nós temos que olhar essa posição com modéstia. Não podemos pretender modificar o mundo, mas podemos influir, podemos exercer em certas áreas alguma liderança e desenvolver idéias, sobretudo, no campo econômico, que conciliem de tal forma os interesses dos países já desenvolvidos e daqueles que estão em desenvolvimento. Nós estamos lutando para que se abra um pouco esse campo e os países em desenvolvimento tenham maior chance de crescer mais depressa do que estão crescendo».

P. «Na área econômica, apesar da receptividade, tanto da França como da Inglaterra, do ponto de vista de investimentos e até da área financeira, me parece que as restrições comerciais permaneçam de alguma forma, com perspectivas de se agravar. O Senhor vê nisso um motivo para repensar o modelo exportador brasileiro?»

R. «Nós estamos motivando tanto a França como a Inglaterra no sentido de eliminar ou reduzir as restrições comerciais que existem sobretudo no Mercado Comum Europeu. Evidentemente, isso não é fácil, porque há um jogo de interesses muito grande,

que ainda sobrexiste. Com relação à Inglaterra, ontem, quarta-feira por exemplo, abordou-se a questão da taxaçoão do calçado brasileiro. Nós mostramos que eles haviam adotado uma taxa elevadíssima, muito maior do que os norte-americanos haviam imposto. Eles concordaram em reexaminar o problema, inclusive, numa comissão conjunta, qual é realmente o benefício que o Brasil dá para a exportação de calçados e qual seria a taxaçoão adequada que os ingleses deveriam impor para proteger a sua própria indústria. Concordaram em reexaminar o problema conosco. Isso é, sem dúvida, uma abertura e, inclusive, se chegarem à conclusão de que as taxaçoões devem ser menores, eles se dispõem a restituir o dinheiro que cobram a mais.

P. «Há possibilidade da aquisição de tecnologia inglesa para a exploração de petróleo brasileiro na plataforma submarina?»

R. «Ontem, conversando com o Ministro de Energia, ele mostrou-se interessado em conhecer os problemas da política brasileira em relação ao petróleo e propor-se um intercâmbio entre o Governo inglês e o brasileiro, através de suas empresas petrolíferas, no sentido não só da política de petróleo que cada país segue e imagina que deve seguir, como também ponto de vista tecnológico em que eles conseguiram extraordinários avanços, principalmente sobre o problema de perfuração num mar muito mais difícil do que o nosso, a profundidades muito maiores, em que eles poderão nos ensinar muita coisa. Ficou resolvido que a Petrobrás enviaria uma delegação,

que manteria entendimentos durante alguns dias com representantes britânicos, no sentido de troca de opiniões, de formulação de política e, sobretudo, tendo em vista o aproveitamento tecnológico recíproco, porque talvez nós também tenhamos alguma coisa em que possamos ser úteis a eles».

P. «Essas duas viagens e tudo aquilo que foi obtido nelas, com a presença de Vossa Excelência na Europa, que tipo de repercussão em termos de política interna poderiam ser anunciadas imediatamente no Brasil, ao final da sua viagem?»

R. «Eu não pretendo atingir internamente nenhum objetivo político com as minhas viagens. Apenas, talvez, se me permitem, conscientizar o povo brasileiro da importância que ele está adquirindo no mundo».

P. «Essa tecnologia que o Brasil está procurando aqui na Inglaterra é melhor do que a tecnologia oferecida em qualquer outro lugar do mundo, nos Estados Unidos, por exemplo?»

R. «Não digo que seja melhor, mas veja bem que nós temos que diversificar. Nós não podemos ficar dependendo da tecnologia de um único país, como também não podemos ficar dependendo financeiramente ou politicamente de um único país. O Brasil já é suficientemente grande para se colocar ao lado dos Estados Unidos, que é um país muito amigo nosso, da França, da Inglaterra, da Alemanha, do Japão. Essa diversificação é muito útil porque cada um tem uma área, um setor, em que é excelente; então,

vamos procurar maior segurança. A tecnologia através da diversificação é procurar a melhor tecnologia possível».

P. «O Senhor acredita que os resultados da sua viagem à França e à Inglaterra vão estimulá-lo a novas missões internacionais?»

R. «Eu, já na outra entrevista, lhes disse que não gostava muito de viajar ao exterior. Tenho no Brasil motivação e trabalho suficiente para ocupar o meu tempo. Vim por um dever de ofício e procuro, evidentemente, corresponder às gentilezas dos franceses e ingleses e me comportar, no «society» que está aí, do melhor modo possível. Mas não é do meu temperamento e do meu feitio. Tenho uma viagem prometida que tenho que realizar, que é ao Japão, provavelmente ainda este ano, se não me engano, no mês de setembro. Fora disso, não tenho nenhum outro compromisso internacional. Tenho muitos convites, mas não há nenhum no qual tenha me comprometido até agora. O que há de positivo é que, em setembro, se Deus quiser, irei ao Japão.

E acredito que vou revê-los por lá também.»

P. «À medida que as nações crescem e se projetam, a sua política externa vai ficando mais importante do que a interna. Vossa Excelência acha que a nossa política já deva estar mais ou menos nessa medida?»

R. «Eu acho que, por mais importante — e o meu Ministro Silveira que me perdoe — que seja a nossa política externa e por mais importante que seja a documentação que ele quase diariamente me manda sobre os nossos problemas externos, eu acho que as dimensões do Brasil, territoriais, da população, a natureza dos problemas e as dificuldades que ainda temos para montar uma infra-estrutura adequada, os problemas que temos no campo social, da educação, no nível de vida do nosso povo, os problemas da nossa agricultura, da pecuária e da indústria — são problemas muito maiores do que os problemas externos. Nós, ainda não chegamos na fase de dar maior importância ao setor externo do que ao interno. O setor externo é extraordinariamente importante, mas os meus olhos estão principalmente voltados para dentro do Brasil. É claro que o Ministro das Relações Exteriores olha para o outro lado e me secunda adequadamente».

P. «A sugestão, feita em Paris, no sentido de que o Brasil deveria manter uma presença ativa no continente africano, sobretudo em Angola, até mesmo para evitar o crescimento do bloco comunista na região, poderia ser interpretada como uma indicação ao Ocidente?»

R. «Estou de acordo. Acho que se o Ocidente estiver mais presente na África, em Angola e em Moçambique, nós teremos uma maneira de nos contrapormos».

Evidentemente dentro de certos limites, a ação comunista.

Não é só o Brasil. Se a França, se a Inglaterra, se os Estados Unidos e outros países estiverem presentes nessas áreas, sem dúvida isto trará dividendos para o Ocidente.